



# A Estética

# Beleza

## A experiência do prazer

Iniciemos nossa investigação sobre o tema desde capítulo, a estética, verificando a etimologia dessa palavra. Ela vem do termo grego *aisthetiké*, que significa "perceptível pelos sentidos", mas seu uso consagrou-se para se referir mais especificamente a tudo o que pode ser percebido como agradável e belo pelos sentidos.

Assim, costuma-se dizer que "algo é estético" quando causa uma sensação aprazível, de beleza. E é por isso que chamamos de "centro de estética" um lugar onde se cuida da boa aparência ou beleza corporal de uma pessoa.

A estética constitui, portanto, um tipo de conhecer que é o extremo oposto do conhecimento lógico-matemático, pois este se fundamenta na razão para construir um saber "claro e destino", conforme o ideal proposto pelo filósofo francês René descartes, no século XVII.

## O que é o belo?

O ser humano pode fazer juízos de fato (dizer o que são as coisas) e juízos de valor (julgar se determinada coisa é boa, ruim, agradável, bonita, feia etc.). Entre os juízos de valor, podemos distinguir o juízo moral e o juízo estético - e é este último que nos interessa neste capítulo.

Pelo juízo estético, julgamos se algum objeto, algum acontecimento, alguma pessoa ou algum outro ser é belo. Mas o que é beleza?

De forma geral, a maioria das pessoas concordaria que belo é algo que nos agrada, que nos satisfaz os sentidos, que nos proporciona prazer sensível e espiritual. No entanto, essas mesmas pessoas não chegariam a um consenso quanto à beleza de determinada coisa. Tanto assim que já se tornou senso comum a afirmação de que “gosto não se discute”.

Também os filósofos que se dedicaram à investigação do que é beleza não são unânimes quanto a esta questão: para uns, a beleza é algo que está objetivamente nas coisas; para outros, é apenas um juízo subjetivo.

## **Visões idealista e empirista**

Para os filósofos idealistas: cuja tradição começa na antiguidade com o filósofo grego Platão e para eles a beleza é algo que existe em si, é objetiva. De acordo com a teoria platônica, a beleza seria uma forma ideal que subsistiria por si mesma, como um modelo, no mundo das ideias.

Para os materialistas - empiristas: a beleza não está propriamente nos objetos, mas depende do gosto pessoal, de maneira como cada pessoa vê e valoriza o objeto.

## **Visão de Kant**

Kant buscou mostrar, em seu livro *Crítica da Faculdade do Juízo*, que embora o juízo estético seja uma Capacidade subjetiva, pessoal, há aspectos universais na percepção estética dos indivíduos ou seja, nossa Estrutura Sensível (os órgãos dos sentidos). E nossa Imaginação são as condições que tornam possível percepção estética.

Julgamos belo aquilo que nos proporciona prazer, o que não é lógico ou racional, sim algo subjetivo, já que se relaciona ao prazer ou desprazer individual

## **Visão de Hegel**

Para ele, o relativo consenso acerca de quais são as coisas belas mostra apenas que o entendimento do que é belo depende do momento histórico e do desenvolvimento cultural. Esses dois fatores determinam certa visão de mundo, a partir da qual algumas coisas seriam consideradas belas e outras não. Hegel procurou demonstrar essa tese analisando a história da arte, da Antiguidade até seu tempo, e demonstrando que a noção de belo varia conforme a época e o lugar.

## **Visão de Schopenhauer**

O prazer estético nos liberta da vontade insaciável atrelada às coisas transitórias, dando-nos acesso à dimensão eterna, expressar pela obra artística. Para o filósofo, a música seria a forma mais imaterial da arte, construindo – se também em sua alta expressão.

Portanto podemos dizer que o belo, para Schopenhauer, seria algo mais universal até mesmo do que o mundo científico, uma vez que nos permite vislumbrar ainda que rapidamente – aspectos do mundo em sua plenitude, para além da transitoriedade dos fenômenos.